

## Compostagem: Por quê?

Vivemos uma situação de carência total de estrutura para manejo de resíduos sólidos no Brasil. Nosso modelo - ou ausência dele - é o mais arcaico possível: simplesmente tiramos o lixo do alcance de nossas vistas, transportando-o para algum lugar distante e tratando de nos esquecer que ele existe. Mas o fato é que as pilhas de resíduos estão depositadas em algum lugar, com ausência total ou muito pouca interferência humana para que a massa se reintegre à natureza ou para que seja reaproveitada.

Muito se fala em reciclagem, mas o fato é que a quantidade de material realmente processada é muito pequena. Para se ter uma idéia, menos de 20% do plástico produzido no Brasil é reciclado (ao redor de 20% segundo estudo realizado pela Plastivida - Instituto Ambiental dos Plásticos - em 2007: "Monitoramento dos índices de Reciclagem Mecânica de Plástico no Brasil". É sabido que em 2009 a taxa decresceu devido a queda nos preços das resinas em geral). E destes 20%, a maior quantidade é relativa às garrafas PET (Plastivida - IRmP). Os sacos de lixo e sacolinhas plásticas não são hoje reciclados, pois a coleta e seleção dos mesmos é muito dispendiosa (são filmes de baixo peso, portanto são necessárias várias unidades para se alcançar uma quantidade de resina considerável - as cooperativas não conseguem retorno financeiro com estes materiais). Mas a reciclagem, ainda que sua abrangência fosse ampliada, está longe de ser a única solução para o tema. Ela precisa ser incentivada sim, mas precisamos de um mosaico de alternativas para que a tratativa do resíduo sólido seja efetiva.

O lixo orgânico corresponde hoje à aproximadamente 60% dos resíduos sólidos gerados no Brasil (IBGE - Pesquisa Sanitária Nacional de 2000). O que fazer com este material para que o mesmo seja reintegrado à natureza? E aqui entramos então no tema da compostagem. Com um baixo investimento inicial e alguma expertise técnica se consegue converter os 60% de resíduos orgânicos em adubo! O baixo investimento inicial é um fator de máxima importância em um país como nosso, onde tudo está por fazer. Não podemos optar por modelos caros (como o de incineradores) sob o risco de continuarmos engessados por falta de verba para os investimentos. As centrais podem ter o tamanho adequado para cada município, com investimento proporcional ao tamanho da geração de resíduo que se deseja remediar. Esta alternativa complementa a reciclagem de plásticos, papéis, vidros e etc. Não se perde o investimento já feito até o momento nas estruturas de coleta seletiva e reciclagem. Mas se abre mais uma alternativa para o tratamento do lixo.

Do ponto de vista social, as comunidades de trabalhadores são preservadas e ampliadas, pois as centrais requerem novos postos de trabalho.

As centrais de compostagem não emitem odores nem atraem insetos ou outros vetores. As unidades bem manejadas apresentam apenas odor de terra e portanto não atrapalham a comunidade que vive ao seu redor. A possibilidade de se fazer compostagem nas proximidades dos centros urbanos traz economia no transporte dos resíduos e nas emissões de gases provenientes do mesmo.

A disseminação da cultura de compostagem e de suas vantagens possibilita o engajamento do público em geral, que poderá em muitos casos adotar a compostagem caseira e com isso diminuir o

volume destinado ao gerenciamento municipal (vale lembrar o crescente interesse e conscientização da população em geral nas questões ambientais).

E ao final do processo temos o produto da compostagem - adubo de primeira qualidade - que pode ser utilizado pelas prefeituras em áreas públicas como parques e canteiros. Ou pelos cidadãos comuns em seus jardins e vasos, no caso da compostagem caseira. A natureza agradece!

Letícia da Rocha Mendonça - BASF